

capoa

INCA COMEMORA UMA HISTÓRIA DIGNA DE ORGULHO PARA O BRASIL



O Instituto Nacional de Câncer comemora seu septuagésimo aniversário. São 70 anos de uma trajetória de superação e vitórias, que acompanha a própria evolução histórica da doença e de seu tratamento, refletindo mudanças na organização, fazendo do INCA tudo o que ele representa hoje: um centro de referência no tratamento e na prevenção do câncer, dentro e fora do País. Graças a esse trabalho, o Brasil foi apontado pela Organização Mundial da Saúde, em 2002, como um dos cinco países-modelo no controle da doença em âmbito mundial. Em 2005, inspirou a França a criar o seu *Institut National du Cancer* nos moldes do antecessor brasileiro. Hoje, como gestor da Política Nacional de Atenção Oncológica, o INCA assume de vez a liderança na promoção da educação, da pesquisa, do tratamento e da prevenção na área do câncer. Para marcar a data, uma série de eventos reforçará a divulgação de medidas preventivas e formas de tratamento da doença. Entre eles, destaca-se o 2º Congresso Internacional de Controle do Câncer (25 a 28 de novembro), no Rio de Janeiro, que reunirá os maiores especialistas do mundo no controle do câncer, visando à consolidação de políticas de prevenção e controle ao câncer, voltadas para a realidade dos

anos de luta pela vida

países latinos. Para o grande público, a comemoração prevê o lançamento de um cartão telefônico comemorativo, a inauguração do Espaço Cultural do INCA, a realização de uma Feira da Saúde e a distribuição de programas de rádio para todo Brasil. As fachadas das unidades hospitalares serão decoradas com empenas (banners gigantes) em homenagem ao aniversário. Haverá ainda o lançamento da primeira edição do Prêmio INCA de Jornalismo, que premiará as melhores matérias jornalísticas sobre o câncer destinadas ao público leigo, e veiculadas em jornais, revistas, redes de TV, rádios e na internet.



UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO

Tudo começou na década de 30, com a reorientação da política nacional de saúde, em virtude do aumento da mortalidade por doenças crônico-degenerativas, como o câncer.

O primeiro esforço para a instalação de um centro para o tratamento do câncer data de 1931. Mas o projeto não se concretizou, porque o prédio foi cedido para a Faculdade de Medicina, logo que a obra foi concluída. Na época, pós-revolução de 1930, o Brasil tinha como prioridade a industrialização e os problemas sanitários, como controle da febre amarela, da varíola e da peste, relegando o combate ao câncer a segundo plano.

Em 1934, durante a Segunda Guerra, surge uma segunda promessa de constituição do serviço de atendimento do câncer na esfera pública, que, logo após sua inauguração, seria entregue à Polícia Militar e, mais uma vez, relocado. Desta vez, para a Lapa.

Pioneiro na pesquisa e no tratamento do câncer no Brasil, o cirurgião e sanitarista gaúcho Mário Kroeff conseguiu finalmente o apoio do presidente Getúlio Vargas para criar o Centro de Cancerologia, para o qual seria nomeado diretor, em 1938. Nos bastidores, diz-se que o apoio só se concretizou graças à projeção política que a técnica eletro-cirúrgica, introduzida no Brasil por Kroeff, traria se disponibilizada à população, desde que o governo construísse um centro exclusivo para o tratamento do câncer.



Em 13 de janeiro de 1937, o presidente Getúlio Vargas assinou o Decreto-Lei nº 387, que cria o Centro de Cancerologia no Serviço de Assistência Hospitalar do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Surge assim o primeiro núcleo governamental de combate ao câncer no País, ligado ao Departamento de Saúde Pública do Ministério da Educação e Saúde.

Para que esse Centro fosse instalado, em 1º de março de 1937, o presidente da República autorizou o destaque de 200.000\$000 (duzentos mil réis) do selo da Educação e Saúde, para a construção de um novo pavilhão, anexo ao Hospital Estácio de Sá. As instalações seriam inauguradas pouco mais de um ano depois, em 14 de maio de 1938, com 40 leitos, um bloco cirúrgico, um aparelho de raios X e outro de radioterapia. Nesse período, o serviço era limitado a acolher e amenizar o sofrimento de vítimas da doença que, na época, tinham poucas possibilidades de tratamento e cura.

Por insistência e perseverança de Mário Kroeff, o Centro converteu-se em Serviço Nacional de Câncer (SNC), em 1941, quando reassumiria sua direção. A criação do SNC incorporaria novas atribuições como organizar, orientar e controlar, em todo o País, a Campanha contra o Câncer, ampliando a visão inicial do governo de se limitar à instalação de um órgão hospitalar para tratamento da doença na capital da República. Surgia aí a concepção do câncer como problema de saúde pública.

Buscando desenvolver uma política nacional de controle do câncer, três anos mais tarde, o Centro de Cancerologia transforma-se no Instituto de Câncer, órgão de suporte executivo do SNC. Nesse período, o serviço enfrentaria sérios percalços, passando a funcionar em instalações inadequadas até ser transferido, em 1946, para o Hospital Gaffrée e Guinle.

A aquisição de uma sede própria e definitiva passou a nortear os objetivos institucionais. Ainda em 1946, são transferidos para o patrimônio da União dois terrenos e um imóvel em construção, localizados na Praça Cruz Vermelha, onde começa a ser construído o novo instituto. Onze anos mais tarde, em 1957, o prédio é inaugurado pelo então presidente da República, Juscelino Kubitschek. Para o ex-diretor e atual secretário municipal da saúde do Rio de Janeiro, Jacob Kligerman, a mudança do hospital Gaffrée e Guinle para a Casa de Saúde Pedro Ernesto, atual sede do Instituto na Praça da Cruz Vermelha, seria o primeiro grande marco na história do INCA desde a sua criação.

Definitivamente equipado e instalado na Praça da Cruz Vermelha, no centro do Rio de Janeiro,





o INCA torna-se reconhecido como órgão público de referência para a pesquisa, o ensino e o tratamento do câncer. A partir daí, uma equipe constituída por renomados profissionais da área da saúde começa a construir sua história, que seria marcada por algumas mudanças de localização e muitas transformações estruturais, organizacionais e funcionais até que, em 28 de janeiro de 1961, torna-se o Instituto Nacional de Câncer, pelo Decreto-Lei nº 50.251.

Para o diretor-geral, Luiz Antônio Santini, vale ressaltar que o incremento político e orçamentário que resultou na consolidação do Instituto Nacional de Câncer só foi possível com a participação da sociedade. O que também se deu de modo complexo, abrangendo o apoio à política, as campanhas contra o câncer, as lideranças médicas e a superação de mitos e preconceitos que envolviam a doença.

Em 1961, é aprovado o novo regimento do Instituto, atribuindo-lhe novas competências nos campos assistencial, científico e educacional. Segue-se uma fase áurea para a Instituição, marcada pela formação de recursos humanos especializados e pela ampliação das suas instalações.

Entretanto, a reorientação das políticas econômica e de saúde, a partir da década de 60, originaria mudanças que, por um lado, beneficiariam a medicina previdenciária e, por outro, reduziriam drasticamente o orçamento do Ministério da Saúde. As medidas resultaram em muitas modificações estruturais e funcionais para o INCA.

Na segunda metade da década de 60, novos fatos marcariam sua história. Em 22 de dezembro de 1967, o Decreto-Lei nº 61.968 cria a Campanha Nacional de Combate ao Câncer – CNCC, com o objetivo de agilizar, financeira e administrativamente, o controle do câncer no Brasil. Em seguida e sob inúmeros protestos, em 1969, o Instituto deixa o Ministério da Saúde, passando à Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, entidade ligada ao Ministério da Educação e Cultura, para três meses depois passar à administração da recém criada Fundação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara – FEFIEG. Graças à mobilização de seus funcionários, em 1972, é reintegrado ao Ministério da Saúde.

Os primeiros anos da década de 80 marcariam o início de um período de crescimento e recuperação do INCA. Em 1980, passa a receber recursos financeiros da CNCC, num processo de co-gestão acordado entre o Ministério da Saúde e o da Previdência e Assistência Social, que permitiu, em apenas dois anos, duplicar a prestação de serviços médicos pelo Instituto. Passaram-



se inúmeras reformas, novos programas e convênios técnico-científicos, que projetariam ainda mais o INCA como um centro médico-hospitalar especializado.

Com a extinção da Campanha, surge o Pro-Onco, que amplia a atuação com programas nacionais em diferentes aspectos do controle do câncer, como informação (registros), combate ao tabagismo, prevenção, educação e divulgação técnico-científica. Segundo Santini, o programa foi fundamental para possibilitar ao INCA cumprir plenamente a sua missão nacional.

No final de 80 e início dos anos 90, a evolução da quimioterapia mudaria completamente a história da doença. Por exemplo, os cânceres infantis e a leucemia, cuja expectativa de cura variava entre 20% e 30%, saltou para 70%. Essa foi uma mudança radical que transformou alguns tipos de câncer em doenças crônicas. A partir daí, o paciente pôde

conviver com o câncer durante muitos anos e, em outros tipos, como o de mama, ter uma sobrevida considerável.

Em 1990, com a promulgação da Lei Orgânica da Saúde, que cria o SUS (Sistema Único de Saúde), novo impulso é dado ao INCA, como órgão referencial para o estabelecimento de parâmetros e para a avaliação da prestação de serviços ao SUS. Em 1991, 1998 e 2000, decretos presidenciais ratificariam a função do INCA como órgão governamental responsável pela formulação da Política Nacional de Prevenção e Controle do Câncer (PNPCC) e como respectivo órgão normativo, coordenador e avaliador. Além de incorporar novas unidades hospitalares em sua estrutura organizacional, reestruturou o seu sistema de gestão, enfatizando o desenvolvimento humano. Foi criado o Centro de Recursos Humanos, hoje uma unidade estratégica na formulação e na execução de políticas institucionais. Considerado outro marco na história, o Conselho de Bioética também é criado para discutir as questões morais e filosóficas, vitais na abordagem do câncer.

Uma medida que possibilitou estas ações foi com a criação da Fundação Ary Frauzino para Pesquisa e Controle do Câncer – FAF, em 1991, que surge como principal apoio financeiro do INCA. Sua atuação efetiva permitiu implantar uma filosofia de Recursos Humanos moderna, coerente e compatível com a nova missão institucional. Para Kligerman, a constituição da FAF foi um grande diferencial nessa história. “A FAF exerceu um papel determinante para viabilizar o avanço técnico e científico do INCA, tornando-o referencial no campo das incorporações tecnológicas e um órgão de grande importância para o SUS, promovendo inclusive o incremento do corpo técnico com pessoal altamente qualificado”, defende o ex-diretor. ■

O INCA HOJE

Em 2000, buscando estender a assistência oncológica integral para fora das capitais, o Ministério da Saúde regulamentou o ‘Projeto Expande’ - Projeto de Expansão da Assistência Oncológica, que prevê a criação ou a implementação de centros de oncologia em hospitais gerais, para oferecer serviços diagnósticos, cirúrgicos, quimioterápicos, radioterápicos e de cuidados paliativos em áreas antes sem cobertura para o câncer. Sob a direção do cirurgião Luiz Antonio Santini, desde julho de 2005, o INCA vem concentrando seus esforços para a estruturação da Rede de Atenção Oncológica, principal instrumento de articulação e execução da nova Política de Atenção Oncológica. “Nossa meta é fortalecer a capacidade de gestão do INCA para que as ações nacionais sejam cada vez mais consistentes e eficazes”, resume.



ELES FIZERAM A DIFERENÇA

Para chegar a órgão normativo do Ministério da Saúde, o INCA passou por muitas fases e dificuldades que só foram superadas graças à continuidade administrativa que caracterizou sua história. Desde a sua criação, 20 nomes assumiram sua direção sem abandonar seu ideal. Sem desmerecer os demais, citamos alguns que, de algum modo, marcaram esta trajetória.

MARIO KROEFF

1938 a 1941 (Centro de Cancerologia)

1941 a 1954 (Serviço Nacional de Câncer)

O cirurgião gaúcho Mário Kroeff, considerado o idealizador do INCA, foi o pioneiro na concepção do câncer como problema de saúde pública. Trouxe para o Brasil, em 1927, o primeiro aparelho de eletrocoagulação que, na época, era considerado a arma mais poderosa no tratamento do câncer. Foi precursor na luta para a constituição de um serviço nacional do câncer.

ARY FRAUZINO

1980 a 1985

Foi chefe do Serviço de Cirurgia Abdominal, de 1964 a 1980, quando assumiu a direção-geral do INCA. Promoveu inúmeras reformas, programas e firmou convênios técnico-científicos, que projetariam ainda mais o INCA como um centro médico-hospitalar especializado, de ensino e de pesquisa. Lutou pelo estabelecimento de uma fundação para dar apoio técnico e financeiro à Instituição, e que daria origem à Fundação Ary Frauzino (1991).

MARCOS MORAES

Abr/1990 a set/1998

Marcos Moraes implantou uma administração ágil e moderna capaz de promover as reformas necessárias para consolidar o INCA como órgão público de referência para o controle do câncer. Em sua gestão, surgiu a Fundação Ary Frauzino para Pesquisa e Controle do Câncer, um passo vital para que o INCA logo conquistasse o reconhecimento internacional. Foi nomeado para o Programa Tabaco ou Saúde (1997), pela OMS, e realizador do 17º Congresso Internacional de Câncer (1998), pela União Internacional contra o Câncer.



Marcelo Casa Jr/ABr



JACOB KLIGERMAN

Set/1998 a mar/2003

Durante sua gestão, o instituto experimentou sólidos avanços qualitativos no que diz respeito à prestação da assistência oncológica integral e integrada. "Deixei a direção com a sensação absoluta de ter feito um trabalho digno e decente", garante. Kligerman é o atual Secretário Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. "A experiência no INCA foi fundamental para direcionar minha atuação. Além disso, boa parte da minha equipe atual na Secretaria é oriunda do INCA.

JOSÉ GOMES TEMPORÃO

Set/2003 a jun/2005

O novo ministro da Saúde estimulou a integração com outras instituições, como Fiocruz, Anvisa, UNICAMP e USP, entre outras. Em sua gestão, foram criados o Banco Nacional de Tumores e o DNA, a Rede Brasilcord e a Campanha de Doação de Medula Óssea que, em 1 ano, duplicou o número de doadores no Registro de Doadores de Medula Óssea (REDOME).